



COMUNICADO DE IMPRENSA

EMBARGO

Os conteúdos deste comunicado de imprensa e do Relatório em questão não devem ser citados ou resumidos na imprensa, radiodifusão ou mídias eletrônicas até

6 de setembro de 2011- 14h00

UNCTAD/PRESS/PR/2011/038*

Original: English

A RECUPERAÇÃO ECONÔMICA ESTÁ PERDENDO FORÇA NAS ECONOMIAS DESENVOLVIDAS

Países em desenvolvimento, tendo recuperado as tendências de crescimento pré-crise, podem agora ser afetados pela recessão nas economias desenvolvidas.

Genebra, 6 de setembro de 2011 – A recuperação econômica pode chegar ao fim em economias desenvolvidas porque a demanda interna privada continua enfraquecida e políticas macroeconômicas de apoio estão sendo substituídas por medidas de austeridade, na medida em que governos tentam recuperar a confiança dos mercados financeiros. Em contraste, economias em desenvolvimento têm sustentado o caminho do crescimento forte baseado principalmente na demanda interna. No entanto, elas devem enfrentar instabilidade financeira e fluxos de capital especulativo gerados nas economias desenvolvidas, e não devem ser poupadas de uma nova recessão no Norte.

O Relatório de Comércio e Desenvolvimento 2011: Desafios das políticas pós-crise na economia mundial¹, foi lançado hoje pela Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento (UNCTAD). O relatório mostra que, após uma rápida recuperação pós-crise, a economia mundial está desacelerando, de cerca de 4% do crescimento do PIB em 2010 para aproximadamente 3% em 2011. O desempenho do crescimento é mais forte nas economias em desenvolvimento, que retomaram suas tendências de crescimento pré-crise e estão expandindo em cerca de 6% este ano. Em contrapartida, economias desenvolvidas terão um crescimento apenas entre 1,5 e 2% em 2011. As economias em transição continuam se recuperando da queda acentuada em 2009, com taxas de crescimento em cerca de 4%.

* **Contatos:** Unidade de Comunicação e Informação da UNCTAD, +41 22 917 5828, +41 79 502 43 11, unctadpress@unctad.org, <http://www.unctad.org/press>

¹ **O Relatório de Comércio e Desenvolvimento 2011: Desafios das políticas pós-crise na economia mundial** (Vendas No. E.11.II.D.3, ISBN-13: 978-92-1-112822-2) pode ser obtido com o Escritório de Marketing e de Vendas e Publicações Unidas no endereço mencionado abaixo ou com os agentes de vendas das Nações Unidas em todo o mundo. Preço: 55 dólares (50% de desconto para residentes de países em desenvolvimento, e 75% de desconto para residentes de países menos desenvolvidos). Os clientes podem enviar encomendas ou pedidos para o Escritório de Marketing e de Vendas e Publicações Unidas, 300 East 42nd Street, 9º andar, IN-919J New York, NY 10017, Estados Unidos. Tel.: +1 212 963 8302, fax: +1 212 963 3489, e-mail: publications@un.org, <https://unp.un.org>.

À medida que os impulsos iniciais dos ciclos de estoques e programas de estímulos fiscais foram desaparecendo gradualmente desde meados de 2010, a fraqueza da recuperação das economias desenvolvidas veio à tona. A demanda privada por si só não é forte o suficiente para manter o momento da recuperação, uma vez que o desemprego permanece alto e os salários estão estagnados. Além disso, o endividamento das famílias continua alto e os bancos estão relutantes em fornecer novos financiamentos. Neste ponto, a mudança em direção ao aperto das políticas fiscais e monetárias representa um grande risco e prolongamento do período de crescimento medíocre nas economias desenvolvidas - se não de uma efetiva contração.

Nos Estados Unidos a recuperação tem sido lenta, à medida que a demanda doméstica manteve-se limitada devido à estagnação dos salários e do emprego. Com previsão de taxas de juros historicamente baixas e com o estímulo fiscal abatido, o rápido retorno a uma trajetória de crescimento satisfatória é altamente improvável. No Japão, a recuperação foi adiada pelo impacto da inédita interrupção da cadeia de fornecimento e de energia devido ao forte terremoto e tsunami em março. Na União Europeia, a renda dos assalariados permanece muito baixa, assim como a demanda interna. Com a não resolução da crise do Euro, o reaparecimento das graves tensões nos mercados de títulos da dívida no segundo trimestre de 2011 e com a perspectiva de medidas de austeridade fiscal se espalhando pela Europa, há um alto risco de que a Zona do Euro continue a reter significativamente o crescimento global. De fato, as recentes quedas nos mercados de ações refletem amplamente o agravamento das perspectivas de crescimento.

A expansão permanece forte nas regiões em desenvolvimento, com exceção do Norte da África. Melhorias nos mercados de trabalho e o apoio público sustentado prolongaram a recuperação do investimento e da demanda doméstica. O Leste, Sul e Sudeste da Ásia continuam registrando as maiores taxas de crescimento do PIB – mais de 7% em 2011 – cada vez mais impulsionadas pela demanda interna; no entanto, esta região está passando por uma moderada desaceleração ocasionada pelos efeitos da cadeia de suprimentos do Japão, condições monetárias mais apertadas e menor demanda em alguns dos seus principais mercados de exportação.

Na América Latina, a expansão continua sólida, em quase 5%, estimulada pelo consumo, pela demanda de investimentos e pelos ganhos nos termos de troca no comércio internacional; nas economias da América Central e do Caribe, o crescimento será mais modesto, principalmente devido à sua dependência das exportações para os Estados Unidos. A África Subsaariana deve continuar crescendo no mesmo ritmo acelerado de 2010 – quase 6% - como resultado dos ganhos com os termos de troca, investimentos em infraestrutura e políticas fiscais expansionistas. A recuperação do investimento e a demanda das famílias ajudaram a manter a recuperação econômica das economias em transição, onde a renda nacional disponível melhorou devido a favoráveis termos de troca, em alguns casos, e ao aumento do ingresso de remessas de trabalhadores no exterior, em outros.

Apesar do crescimento nos países em desenvolvimento ter se tornado mais e mais dependente da expansão dos mercados internos, estes países ainda enfrentam sérios riscos externos devido ao enfraquecimento econômico em economias desenvolvidas e à falta de reformas significativas nos mercados financeiros internacionais. Como resultado, estes países continuam vulneráveis a choques financeiros e comerciais que podem afetar seriamente o volume de suas exportações e os preços das commodities primárias, como em 2008.

O comércio internacional de bens e serviços se recuperou acentuadamente em 2010, após ter sido registrada a maior queda desde a Segunda Guerra Mundial. Em 2011, espera-se que o volume do comércio internacional retorne para um valor de um único dígito a partir dos 14% registrados em 2010, especialmente em economias desenvolvidas. A recuperação do comércio tem sido mais rápida nas economias em desenvolvimento do que nas desenvolvidas, espelhando a recuperação de duas velocidades de taxas de crescimento do PIB.

Os preços de commodities têm se recuperado desde o segundo trimestre de 2009, crescendo de meados de 2010 para o início de 2011, e têm vivido uma inversão desde o segundo trimestre de 2011. O aumento dos preços tem, em parte, seguido a recuperação da demanda e os choques de oferta, bem como um impulso do investimento financeiro em commodities. Recentemente, as quedas nos preços das commodities refletiram em grande parte as mudanças negativas no sentimento dos investidores financeiros.

A implementação de medidas para reduzir a demanda interna em resposta à alta dos preços das commodities se mostrou inapropriada, prejudicando o crescimento sem diminuir significativamente a inflação. O recurso para políticas de rendas, na qual os salários iriam progredir em função da produtividade, seria uma maneira mais racional de controlar as pressões inflacionárias e de, ao mesmo tempo, apoiar o crescimento da demanda interna.

Regulação financeira e coordenação macroeconômica global hesitantes

Após uma resposta internacional coordenada e bem sucedida para a crise de 2008-2009, a cooperação internacional dentro do G20 teve poucos avanços em áreas como regulação financeira e coordenação macroeconômica global, afirma o relatório. Após diminuir com a crise, o desequilíbrio global voltou a aumentar em 2010 e 2011, em termos absolutos, apesar de permanecer bem abaixo dos níveis pré-crise em relação ao PIB de cada país.

À medida que o crescimento do PIB tem sido amplamente impulsionado pelo aumento da demanda interna, algumas das economias emergentes com maiores superávits comerciais como China e Rússia, estão honrando os seus compromissos em ajudar a reduzir o desequilíbrio global; isto contrasta com o superávit comercial das principais economias desenvolvidas – Alemanha e Japão – onde o aumento da exportação continua sendo o principal motor para o crescimento.

A cooperação internacional também é necessária para controlar melhor o capital especulativo e evitar o desalinhamento das taxas de câmbio, a instabilidade macroeconômica e a fragilidade financeira, especialmente em economias em desenvolvimento mais afetadas por estes fluxos. Os novos riscos de turbulência financeira e de recessão econômica requerem uma cooperação internacional mais efetiva e oportuna nos esforços para alcançar o reequilíbrio e o crescimento sustentado global.

*** ** ***



COMUNICADO DE IMPRENSA

EMBARGO

Os conteúdos deste comunicado de imprensa e do Relatório em questão não devem ser citados ou resumidos na imprensa, radiodifusão ou mídias eletrônicas até

6 de setembro de 2011- 14h00

UNCTAD/PRESS/PR/2011/038*

Original: English

A RECUPERAÇÃO ECONÔMICA ESTÁ PERDENDO FORÇA NAS ECONOMIAS DESENVOLVIDAS

Países em desenvolvimento, tendo recuperado as tendências de crescimento pré-crise, podem agora ser afetados pela recessão nas economias desenvolvidas.

Genebra, 6 de setembro de 2011 – A recuperação econômica pode chegar ao fim em economias desenvolvidas porque a demanda interna privada continua enfraquecida e políticas macroeconômicas de apoio estão sendo substituídas por medidas de austeridade, na medida em que governos tentam recuperar a confiança dos mercados financeiros. Em contraste, economias em desenvolvimento têm sustentado o caminho do crescimento forte baseado principalmente na demanda interna. No entanto, elas devem enfrentar instabilidade financeira e fluxos de capital especulativo gerados nas economias desenvolvidas, e não devem ser poupadas de uma nova recessão no Norte.

O Relatório de Comércio e Desenvolvimento 2011: Desafios das políticas pós-crise na economia mundial¹, foi lançado hoje pela Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento (UNCTAD). O relatório mostra que, após uma rápida recuperação pós-crise, a economia mundial está desacelerando, de cerca de 4% do crescimento do PIB em 2010 para aproximadamente 3% em 2011. O desempenho do crescimento é mais forte nas economias em desenvolvimento, que retomaram suas tendências de crescimento pré-crise e estão expandindo em cerca de 6% este ano. Em contrapartida, economias desenvolvidas terão um crescimento apenas entre 1,5 e 2% em 2011. As economias em transição continuam se recuperando da queda acentuada em 2009, com taxas de crescimento em cerca de 4%.

* **Contatos:** Unidade de Comunicação e Informação da UNCTAD, +41 22 917 5828, +41 79 502 43 11, unctadpress@unctad.org, <http://www.unctad.org/press>

¹ **O Relatório de Comércio e Desenvolvimento 2011: Desafios das políticas pós-crise na economia mundial** (Vendas No. E.11.II.D.3, ISBN-13: 978-92-1-112822-2) pode ser obtido com o Escritório de Marketing e de Vendas e Publicações Unidas no endereço mencionado abaixo ou com os agentes de vendas das Nações Unidas em todo o mundo. Preço: 55 dólares (50% de desconto para residentes de países em desenvolvimento, e 75% de desconto para residentes de países menos desenvolvidos). Os clientes podem enviar encomendas ou pedidos para o Escritório de Marketing e de Vendas e Publicações Unidas, 300 East 42nd Street, 9º andar, IN-919J New York, NY 10017, Estados Unidos. Tel.: +1 212 963 8302, fax: +1 212 963 3489, e-mail: publications@un.org, <https://unp.un.org>.

À medida que os impulsos iniciais dos ciclos de estoques e programas de estímulos fiscais foram desaparecendo gradualmente desde meados de 2010, a fraqueza da recuperação das economias desenvolvidas veio à tona. A demanda privada por si só não é forte o suficiente para manter o momento da recuperação, uma vez que o desemprego permanece alto e os salários estão estagnados. Além disso, o endividamento das famílias continua alto e os bancos estão relutantes em fornecer novos financiamentos. Neste ponto, a mudança em direção ao aperto das políticas fiscais e monetárias representa um grande risco e prolongamento do período de crescimento medíocre nas economias desenvolvidas - se não de uma efetiva contração.

Nos Estados Unidos a recuperação tem sido lenta, à medida que a demanda doméstica manteve-se limitada devido à estagnação dos salários e do emprego. Com previsão de taxas de juros historicamente baixas e com o estímulo fiscal abatido, o rápido retorno a uma trajetória de crescimento satisfatória é altamente improvável. No Japão, a recuperação foi adiada pelo impacto da inédita interrupção da cadeia de fornecimento e de energia devido ao forte terremoto e tsunami em março. Na União Europeia, a renda dos assalariados permanece muito baixa, assim como a demanda interna. Com a não resolução da crise do Euro, o reaparecimento das graves tensões nos mercados de títulos da dívida no segundo trimestre de 2011 e com a perspectiva de medidas de austeridade fiscal se espalhando pela Europa, há um alto risco de que a Zona do Euro continue a reter significativamente o crescimento global. De fato, as recentes quedas nos mercados de ações refletem amplamente o agravamento das perspectivas de crescimento.

A expansão permanece forte nas regiões em desenvolvimento, com exceção do Norte da África. Melhorias nos mercados de trabalho e o apoio público sustentado prolongaram a recuperação do investimento e da demanda doméstica. O Leste, Sul e Sudeste da Ásia continuam registrando as maiores taxas de crescimento do PIB – mais de 7% em 2011 – cada vez mais impulsionadas pela demanda interna; no entanto, esta região está passando por uma moderada desaceleração ocasionada pelos efeitos da cadeia de suprimentos do Japão, condições monetárias mais apertadas e menor demanda em alguns dos seus principais mercados de exportação.

Na América Latina, a expansão continua sólida, em quase 5%, estimulada pelo consumo, pela demanda de investimentos e pelos ganhos nos termos de troca no comércio internacional; nas economias da América Central e do Caribe, o crescimento será mais modesto, principalmente devido à sua dependência das exportações para os Estados Unidos. A África Subsaariana deve continuar crescendo no mesmo ritmo acelerado de 2010 – quase 6% - como resultado dos ganhos com os termos de troca, investimentos em infraestrutura e políticas fiscais expansionistas. A recuperação do investimento e a demanda das famílias ajudaram a manter a recuperação econômica das economias em transição, onde a renda nacional disponível melhorou devido a favoráveis termos de troca, em alguns casos, e ao aumento do ingresso de remessas de trabalhadores no exterior, em outros.

Apesar do crescimento nos países em desenvolvimento ter se tornado mais e mais dependente da expansão dos mercados internos, estes países ainda enfrentam sérios riscos externos devido ao enfraquecimento econômico em economias desenvolvidas e à falta de reformas significativas nos mercados financeiros internacionais. Como resultado, estes países continuam vulneráveis a choques financeiros e comerciais que podem afetar seriamente o volume de suas exportações e os preços das commodities primárias, como em 2008.

O comércio internacional de bens e serviços se recuperou acentuadamente em 2010, após ter sido registrada a maior queda desde a Segunda Guerra Mundial. Em 2011, espera-se que o volume do comércio internacional retorne para um valor de um único dígito a partir dos 14% registrados em 2010, especialmente em economias desenvolvidas. A recuperação do comércio tem sido mais rápida nas economias em desenvolvimento do que nas desenvolvidas, espelhando a recuperação de duas velocidades de taxas de crescimento do PIB.

Os preços de commodities têm se recuperado desde o segundo trimestre de 2009, crescendo de meados de 2010 para o início de 2011, e têm vivido uma inversão desde o segundo trimestre de 2011. O aumento dos preços tem, em parte, seguido a recuperação da demanda e os choques de oferta, bem como um impulso do investimento financeiro em commodities. Recentemente, as quedas nos preços das commodities refletiram em grande parte as mudanças negativas no sentimento dos investidores financeiros.

A implementação de medidas para reduzir a demanda interna em resposta à alta dos preços das commodities se mostrou inapropriada, prejudicando o crescimento sem diminuir significativamente a inflação. O recurso para políticas de rendas, na qual os salários iriam progredir em função da produtividade, seria uma maneira mais racional de controlar as pressões inflacionárias e de, ao mesmo tempo, apoiar o crescimento da demanda interna.

Regulação financeira e coordenação macroeconômica global hesitantes

Após uma resposta internacional coordenada e bem sucedida para a crise de 2008-2009, a cooperação internacional dentro do G20 teve poucos avanços em áreas como regulação financeira e coordenação macroeconômica global, afirma o relatório. Após diminuir com a crise, o desequilíbrio global voltou a aumentar em 2010 e 2011, em termos absolutos, apesar de permanecer bem abaixo dos níveis pré-crise em relação ao PIB de cada país.

À medida que o crescimento do PIB tem sido amplamente impulsionado pelo aumento da demanda interna, algumas das economias emergentes com maiores superávits comerciais como China e Rússia, estão honrando os seus compromissos em ajudar a reduzir o desequilíbrio global; isto contrasta com o superávit comercial das principais economias desenvolvidas – Alemanha e Japão – onde o aumento da exportação continua sendo o principal motor para o crescimento.

A cooperação internacional também é necessária para controlar melhor o capital especulativo e evitar o desalinhamento das taxas de câmbio, a instabilidade macroeconômica e a fragilidade financeira, especialmente em economias em desenvolvimento mais afetadas por estes fluxos. Os novos riscos de turbulência financeira e de recessão econômica requerem uma cooperação internacional mais efetiva e oportuna nos esforços para alcançar o reequilíbrio e o crescimento sustentado global.

*** ** ***